

Narrativas de um Xamã Yanomami

Resenha escrita por Adriano Batista Castorino^a
e Rosane Duarte Rosa Seluchinesk^b

^aDoutor em Ciências Sociais/Antropologia, PUC-São Paulo
Professor da Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO, Brasil
E-mail: adriano.castorino@uft.edu.br

^bDoutora em Gestão Ambiental pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da
Universidade de Brasília, Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, Alta Floresta, MT, Brasil
E-mail: rosane.rosa@unemat.br

doi:10.18472/SustDeb.v7n2.2016.19404

RESENHA - DOSSIÊ

Davi Kopenawa; Bruce Albert. *A queda do céu: palavras de um Xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 768 p. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. ISBN 978853592620-0. Preço: R\$ 58,00.

A queda do céu, palavras de um Xamã Yanomami é um livro escrito a quatro mãos, por Davi Kopenawa e Bruce Albert. As falas de Davi ganharam na escrita sensível de Bruce um espaço para alcançar notável densidade e encadeamento discursivo. O livro é, portanto, um relato falado para um interlocutor presumido. De um lado, Kopenawa fala; de outro, Albert o escuta. Dessa interação saem as meditações que os leitores podem acessar.

Esta tessitura narrativa já é em si mesma um feito memorável, porque a escrita do interlocutor, o ouvinte das histórias de Kopenawa, precisou incorporar, por assim dizer, as dimensões simbólicas daquilo que lhe foi narrado. Além disso, a escrita de Albert é uma tradução da fala de Kopenawa. Assim, temos um livro que é a percepção do interlocutor e ao mesmo tempo a sua tradução.

O texto trata da cosmologia do povo Yanomami, das suas formas de perceber e interagir com o mundo, e das relações de reciprocidade com a natureza. Há no texto uma série de passagens em que Davi explica como foi o seu processo de iniciação para se tornar um Xamã. Ele conta as suas peripécias e as suas artimanhas, tanto para acessar o sagrado quanto para fugir dele. Essa forma de conceber os ritos de passagem associados aos processos intrínsecos da natureza é uma tônica que produziu em Davi a transformação de que ele precisava para ser um líder indígena.

Nas palavras de Albert, “o trabalho de redação em francês de um depoimento tão rico e complexo quanto o de Davi Kopenawa, inteiramente feito em sua língua, em diversos momentos de uma trajetória turbulenta, é uma tarefa delicada e cheia de desafios” (p. 540). Essa noção de Albert sobre as similitudes e adversidades de sua tarefa de ouvinte-autor nos dá a dimensão de como é difícil acessar a perspectiva do outro.

É nesse ponto que a intersecção entre Albert e Davi se torna significativa, porque a percepção de Davi sobre os seus próprios processos de aprendizagem tem em Albert uma possibilidade de projeção muito grande. É por isso que o livro é escrito por um autor que de certo modo ouve o conteúdo do outro autor. O livro é também a percepção de Davi sobre os acontecimentos que o cercam desde a sua infância até a sua vida adulta, abarcando um período que perpassa a década de 1970 até os anos 2000.

Há um longo e importante relato sobre as modificações ambientais desencadeadas pela construção da estrada Perimetral Norte, obra viária construída no período militar. Além dos desastres ambientais causados pela força do estado, houve o drama dos garimpos e a abertura da fronteira agrícola, esta última causando extenso desmatamento.

Como a tônica do livro é a passagem ritual de Davi Kopenawa, o texto dá muita ênfase à interação entre a cosmologia Yanomami e a natureza. Nessa relação de coexistência, a vida dos povos indígenas ganha sentido na sua interligação com a natureza. Davi conta o processo de construção de seu nome. Ele diz que o nome Davi lhe foi dado pelos brancos e que Kopenawa lhe foi dado pelos espíritos, e “por fim acrescentei Yanomami, que é palavra sólida que não pode desaparecer, pois é o nome do meu povo” (p. 73).

Kopenawa explica que Omana, o espírito ancestral, criou e sustenta a terra e que ela está fincada em árvores bem grandes. Sem as árvores, o céu pode cair, avisa Kopenawa. Essa densidade cosmológica transcrita pela verve narrativa de Albert foi dada pela fala de Davi. Ele faz um percurso pelo imaginário de iniciação porque ele próprio passou por ela, para falar dos conflitos a que estão submetidos os povos indígenas no Brasil. A luta desses povos, como ressalta o texto, é árdua porque a intromissão dos brancos nas suas formas próprias de aprendizagem e organização social resulta num forte distúrbio.

Esse distúrbio, conforme expresso no texto, é causado tanto pela imensa destruição causada pelas obras de estado, como foi o caso da Perimetral Norte, quanto pela força da ideologia de integração dos povos indígenas. Davi conta como foi massacrante para ele ter de lidar com as duas vias de humanização a que tinha acesso: deixar de ser índio e se tornar branco, ou continuar a sua luta e se tornar Xamã.

Esse desmonte que a cultura da predação faz com os povos indígenas foi outro fato com que Davi teve de lidar para tomar consciência sobre a sua gravidade: “a primeira vez que falei da floresta longe de minha casa foi durante uma assembleia na cidade de Manaus. Mas não diante de uma assembleia de brancos, e sim de outros índios! Era na época em que os garimpeiros estavam começando a invadir nossas terras, nos rios Apiaú e Uraricaá” (p. 385). Essa noção de que a luta dos povos indígenas implicava o enfrentamento com os invasores tomou conta do tempo de Davi. Como já tinha a formação consolidada com os espíritos, ele se sentiu mais capacitado, mesmo que ainda se sentisse frágil (p. 385). Esse enfrentamento lhe deu voz e protagonismo. Como fica claro no livro, as suas palavras ecoam com tanta força e pujança que não mais podem ser ignoradas.

Ele conta como se deu o início dessa empreitada de lutas (p. 386). Foi quando convidou os próprios Yanomami para uma reunião; esteve presente Ailton Krenak. Daí em diante, conheceu Brasília, São Paulo. Narra isso sem excitação. “Não parei mais de falar aos brancos. Meu coração parou de bater tão rápido quando me olham e minha boca perdeu a vergonha” (p. 388). Davi enfatiza que teme que os brancos “acabem arrancando do solo até as raízes do céu” (p. 392).

Essas considerações sobre a imensa exploração que ele reconhece na atuação dos não indígenas estão ancoradas na concepção de que para os brancos há uma avidez pelo consumo de mercadorias. Mas, para Davi, “as mercadorias não morrem” (p. 409). Isso significa que, além da destruição da natureza para auferir riqueza para o seu consumo, estas mercadorias uma vez consumidas terão os seus resíduos descartados a esmo, o que gera ainda mais problemas ambientais. Essa noção de que as coisas são apetrechos dispensáveis e de que a vida humana depende dos espíritos da floresta que a sustentam e não deixam o céu cair é que nos permite entrar num mundo em que os valores não são dados pela lógica da predação. O livro, afinal, revela a perspectiva desse povo, os Yanomami, ainda tão desconhecidos pelos demais brasileiros. Quando Davi diz que a “floresta respira, mas os brancos não percebem” (p. 472), não está sofismando. A sua verdade, embora óbvia, é justamente o fato de que a percepção dominante no mundo dos brancos é a de que a natureza é um recurso. Não há transcendência nas árvores quando as vemos como matéria prima para a indústria moveleira, por exemplo.

A queda do céu é um livro que não pode ser conceituado dentro dos limites das ciências modernas, justamente porque a sua proposta formal é multifacetada e o seu conteúdo é por demais polifônico e por demais polissêmico. Por isso, ele não caberá nunca nas palavras dos brancos. “O que vocês chamam de futuro, para nós, é isso. É pensar que nossos filhos e genros, e depois seus filhos e netos, irão se tornar xamãs” (p. 506). Para Kopenawa, “se os brancos não nos matarem todos” (p. 506), vão continuar a existir sem fim.

O texto aparentemente seria de interesse apenas de uma faixa restrita de leitores e leitoras familiares com as ciências sociais. A temática ambiental, por outro lado, poderia indicar que apenas ambientalistas apreciariam o livro. Mas, muito pelo contrário, a sua escrita inovadora e o seu conteúdo original convidam para leituras feitas nos campos da história, linguística, etnografia, sociologia, antropologia, ecologia. O livro de Davi Kopenawa e Bruce Albert, além de seu teor acadêmico e seu cuidadoso rigor científico, é uma obra literária, porque é poético, é sensível na propositura da narrativa. É como se o tema do livro e a forma de narrar, a linguagem, constituíssem uma simbiose que faz dessa obra um livro memorável.

